

Capítulo I

COMO CÂNDIDO FOI CRIADO NUM BELO CASTELO, E COMO DALI FOI EXPULSO

Na Vestefália, no castelo do senhor barão de Thunder-ten-tronckh¹, havia um jovem a quem a natureza dotara das maneiras mais afáveis. A sua fisionomia era o retrato da alma. Tinha um pensamento baseado na retidão e era simples de espírito, razão pela qual, creio eu, lhe chamavam Cândido². Os criados mais antigos da casa tinham suspeitas de que fosse filho da irmã do senhor barão e de um bom e honrado gentil-homem da vizinhança, com quem a menina nunca se quis casar, porque ele só conseguira provar setenta e um costados de nobreza, e porque o resto da sua árvore genealógica se perdera na injúria do tempo.

O senhor barão era um dos senhores mais poderosos da Vestefália, porque o seu castelo tinha uma porta e janelas³. O salão até estava adornado com uma tapeçaria. Em caso de necessidade, todos os cães que guardavam as capoeiras formavam uma matilha; os palafreiros serviam de picadores e o vigário da aldeia era o capelão-mor. Todos o tratavam por monsenhor e riam das histórias que ele contava.

A senhora baronesa, que pesava cerca de trezentas e cinquenta libras, desfrutava por isso de uma enorme consideração,

e fazia as honras da casa com uma dignidade que a tornava ainda mais respeitável. A sua filha Cunégonde⁴, de dezassete anos, tinha boas cores, era fresca, rechonchuda, apetitosa. O filho do barão parecia em tudo digno do pai. O preceptor Pangloss era o oráculo da casa⁵, e o pequeno Cândido ouvia-lhe as lições com toda a boa-fé da sua idade e do seu caráter.

Pangloss ensinava metafísico-teólogo-cosmolonigologia⁶. Demonstrava com brilhantismo que não há efeito sem causa e que, neste melhor dos mundos possíveis, o castelo do senhor barão era o mais belo dos castelos possíveis e que a sua esposa era a melhor das baronesas possíveis.

— Está demonstrado — dizia ele — que as coisas não podem ser de outra maneira: pois, como tudo é feito para um fim, tudo está necessariamente destinado ao melhor fim. Notem que os narizes foram feitos para segurar os óculos, e por isso temos óculos. As pernas foram evidentemente criadas para usarmos calças, e por isso temos calças. As pedras foram feitas para serem talhadas e para se edificarem castelos, e por isso monsenhor tem um lindo castelo; o maior barão da província deve possuir o melhor alojamento; e, como os porcos foram feitos para serem comidos, comemos porco o ano inteiro. Assim sendo, aqueles que afirmavam que tudo está bem disseram uma tolice; deviam era dizer que tudo está o melhor possível.

Cândido ouvia com atenção e acreditava em tudo inocentemente; achava a menina Cunégonde extremamente formosa, embora jamais se atrevesse a dizer-lho. Concluía que, depois da felicidade de alguém ter nascido barão de Thunder-ten-tronckh, o segundo grau de felicidade era ser a menina Cunégonde; o terceiro era vê-la todos os dias; e o quarto era ouvir mestre Pangloss, o maior filósofo da região e, por conseguinte, de toda a terra.

Um dia, quando passeava nas proximidades do castelo, no pequeno bosque a que chamavam parque, Cunégonde viu entre as moitas o doutor Pangloss a dar uma lição de física experimental à criada de quarto de sua mãe, uma moreninha muito

bonita e muito dócil. Como a menina Cunégonde tinha grande inclinação para as ciências, observou, sem respirar, as repetidas experiências de que foi testemunha; viu com toda a clareza a razão suficiente⁷ do doutor, os efeitos e as causas, e regressou toda agitada e pensativa, cheia de desejo de se tornar sábia, pensando que ela bem poderia ser a razão suficiente do jovem Cândido, que poderia muito bem ser a sua.

Encontrou Cândido ao voltar para o castelo e enrubescou; Cândido também corou; ela deu-lhe «um bom-dia» com a voz entrecortada, e Cândido respondeu-lhe sem saber o que dizia. No dia seguinte, depois do jantar, ao levantarem-se da mesa, Cunégonde e Cândido encontraram-se atrás de um biombo; Cunégonde deixou cair o lenço, Cândido apanhou-o, ela agarrou-lhe inocentemente na mão, o jovem beijou inocentemente a mão da donzela com um ímpeto, uma sensibilidade e uma graça tão especial que as bocas se juntaram, os olhos cintilaram, os joelhos tremeram, as mãos perderam-se... Como o senhor barão de Thunder-ten-tronckh passou junto ao biombo, ao ver aquela causa e aquele efeito, expulsou Cândido do castelo, correndo-o a pontapés no traseiro; Cunégonde desmaiou, mas assim que recuperou os sentidos, foi esbofeteada pela senhora baronesa; e toda a gente ficou consternada no mais belo e no mais agradável dos castelos possíveis.

Capítulo II

O QUE SUCEDEU A CÂNDIDO ENTRE OS BÚLGAROS⁸

Expulso do paraíso terreno, Cândido caminhou durante muito tempo sem saber por onde andava, chorando, erguendo os olhos ao céu e voltando-os muitas vezes para o mais belo dos castelos onde estava enclausurada a mais bela das fidalguinhas; deitou-se sem ceia, em pleno campo, entre dois valados; a neve caía em flocos enormes. Cândido, completamente transido, arrastou-se no dia seguinte até à aldeia próxima, que se chama Valdberghoff-trarbk-dikdorff, sem um tostão no bolso, morto de fome e de cansaço. Parou com tristeza à porta de uma hospedaria. Dois homens vestidos de azul repararam nele:

— Camarada — disse um deles —, aqui está um jovem de boa figura e com a estatura requerida.

Dirigiram-se a Cândido e com toda a delicadeza convidaram-no para jantar.

— Meus senhores — disse-lhes Cândido com encantadora modéstia —, concedem-me uma grande honra, mas na verdade não tenho com que pagar a minha parte.

— Ora essa, amigo — disse-lhe um dos homens vestido de azul —, as pessoas com a sua figura e o seu mérito nunca pagam nada: o senhor não tem cinco pés e cinco polegadas de altura?

— Tenho pois, é essa a minha altura — respondeu ele, fazendo uma reverência.

— Então, sente-se à mesa; não só lhe pagaremos tudo como jamais permitiremos que um homem como o senhor ande sem dinheiro; os homens só foram criados para se auxiliarem uns aos outros.

— Os senhores têm razão — concordou Cândido. — Foi o que sempre me disse mestre Pangloss, e bem vejo que tudo está a correr pelo melhor.

Pedem-lhe que aceite uns escudos; ele aceita-os e quer passar recibo; não lho permitem e sentam-se à mesa:

— Há alguém a quem o senhor ame com ternura?

— É claro que há! — respondeu o jovem. — Amo ternamente a menina Cunégonde.

— Não é isso — acrescentou um deles — nós queríamos saber se não ama com ternura o rei dos búlgaros⁹.

— É evidente que não — disse Cândido —, já que nunca o vi.

— Como! É o mais encantador dos reis, e devemos fazer um brinde à sua saúde.

— Oh! Com muito gosto, meus senhores!

E Cândido bebeu à saúde do rei.

— Isso já nos basta — dizem-lhe. — A partir de agora, o senhor é o apoio, o sustentáculo, o defensor, o herói dos búlgaros; tem a sua fortuna garantida e a sua glória assegurada.

Põem-lhe imediatamente grilhetas nos pés e levam-no para o regimento. Aí, obrigam-no a fazer direita volver, esquerda volver, tirar a vareta, pôr a vareta, deitar de bruços, atirar, apressar o passo, e dão-lhe trinta bastonadas; no dia seguinte, faz os exercícios um pouco menos mal e só apanha vinte bastonadas; no outro dia apanha apenas dez, e é considerado pelos camaradas um autêntico prodígio.

Cândido, estupefacto, ainda não destrinchava muito bem por que razão era um herói. Num belo dia de primavera, lembrou-se de dar um passeio e, andando sempre em frente, conside-